

## ***Naceo e Amperidónia: análise do discurso e linguística histórica***

Aida Sampaio Lemos\* e Maria Paula Lago\*\*

\*Universidade do Minho; \*\*Escola Sec. D. Maria II

Na presente comunicação propomo-nos apresentar um conjunto de dados que, acreditamos, se poderão revestir de relevância para o reconhecimento, por um lado, da necessidade de não afastar do âmbito dos estudos linguísticos os discursos considerados literários e, por outro, a vantagem de aliar aos estudos de linguística histórica novas perspectivas metodológicas como é o caso da análise linguística do discurso.

Na verdade, consideramos que, sendo o discurso literário uma manifestação especialmente rica da língua, não podemos menosprezar os usos literários que dela são feitos como se estes dissessem apenas respeito aos estudos literários; seria não apenas despropositado, como se configuraria também como perda significativa e desnecessária para as ciências da literatura e para as da linguagem. Poder-se-ia contrapor que existem vários trabalhos linguísticos que têm como *corpora* de estudo documentos literários. No entanto, é igualmente verdade, e todos o sabemos, que numa maioria (quase esmagadora) esses *corpora* são não literários.

Debruçar-nos-emos, pois, sobre um texto literário – *Naceo e Amperidónia* –, novela sentimental epistolar do século XVI, do qual fizemos uma edição<sup>1</sup> e sobre este documento, linguístico e literário, apresentaremos dados relativos à análise linguística do discurso amoroso de corte quinhentista.

A análise linguística do discurso poder-se-á, na verdade, instituir como uma ferramenta fundamental para a leitura e análise de documentos escritos que se reportam a épocas pretéritas, sobretudo no que toca à compreensão de textos de cariz específico como o que agora se apresenta – uma novela sentimental quinhentista, sobre cuja autoria não temos notícia, e que constitui exemplar genérico único da época, apenas se aproximando minimamente de uma outra obra que, curiosamente, se apresenta também como singular no quadro da literatura portuguesa quinhentista – *Menina e Moça*.

Na obra em questão, parecem concorrer, a exemplo do que sucede com outras obras do género da sua época, vertentes específicas da língua, da cultura e da ideologia características da época quinhentista; para além disso, os discursos, sobretudo estético-amorosos, que nela podemos encontrar parecem vinculá-la a um estrato sócio-cultural e linguístico particulares. Assim, tendo presente ferramentas metodológicas da linguística

<sup>1</sup> As citações da obra que faremos na presente comunicação referem-se à edição "conservadora" que fizemos do texto. Lago, M<sup>a</sup> Paula e Lemos, Aida Sampaio (edição, fixação do texto, notas e glossário por) – *Naceo e Amperidónia. Novela Sentimental Epistolar* (a aguardar publicação).

histórica, bem como perspectivas da periodização literária, ensaiaremos nesta comunicação uma análise linguística desse discurso estético-amoroso.

Passemos, pois, à análise de alguns excertos da obra que poderão ser exemplificativos do que acabamos de afirmar de modo a confirmar a interdependência e putativa interdisciplinaridade das áreas de trabalho em questão.

Logo no primeiro Prólogo da novela surge um fragmento discursivo que contém uma atribuição causal relativa ao texto-objecto que atribui uma configuração de nobreza ao discurso novelístico que se iniciará mais tarde, produzindo assim de imediato a activação de uma área semântica conexas com a estética discursiva característica do ambiente de corte e atribuindo concomitantemente uma força ilocutiva específica referente à Autoridade do texto e à sua validade enquanto espécime discursivo:

Hũu piqueno caderno estaua  
emburjlhado em hũu pano de seda e  
**como a tall ujustidura lhe visem**  
**afirmarão que fidallguo serja.** (f201v)

Mais adiante, ainda no primeiro Prólogo, encontra-se patente uma articulação consecutiva que estabelece uma hierarquia de valores, sobrepondo, para um primeiro destinatário, a esfera discursiva a qualquer outra espécie de “saque de guerra”:

e depojs que o tempo deu allgũ  
aseseguo e os outros contaũo dinhejros  
de prata e douro e outros joyas de  
grande vallya . que do rroubo .  
ouuerão/. e elle llya por seu lliuro que  
em mũj ellegante llatjm era escrjto. do  
**quall tanto gostaua que**  
**nenhũa enbeja aos outros auja**  
(f201v)

O mesmo sucederá relativamente a um segundo destinatário, para o qual o valor do discurso não se encontra sequer dependente da sua compreensão, já que esse valor decorre precisamente do estatuto discursivo atribuída *ab initio* ao texto da novela:

seu companhejro. com quem senpre  
pousaua. se agravou delle **por lhe não**  
**dar parte daquella jstorja.** por ser  
llatino e elle não (f201v)

A valoração do discurso completa-se com uma discriminação de um Alocutário modelar, legítimo e autorizado, capaz de apreciar e valorar o discurso, fazendo o Locutor apelo a um uso de uma enumeração distintiva de dois actos - “dizer” e “fazer” - qualificada como “grande habilidade”:

**polla grande abillidade que em  
dizer e fazer temdes**

Para além de Alocutário modelar, o Locutor cria, por meio de uma condicional, uma imagem daquele como detentor de uma urbanidade da qual necessariamente faz parte a contenção seja qual for essa valoração,

**se bem lhe parecer sera boa. e  
senão callalloha sua bondade**

A *captatio benevolentia* aqui patente endereça-se metonimicamente a qualquer outro indivíduo com a mesma configuração ética, isto é, a qualquer homem de corte:

mandarão este lliuro a portugual.  
**emderençado a Joam Rramires  
darelhana com este esrjto//.** (f201v)  
[...] vos *senhor* nunca tiuestes myngo  
**polla grande abillidade que em dizer  
e fazer temdes.** a que peço por merçe  
que veja esta jstorja por quem outras  
mores pasaraom. **e se bem lhe parecer  
sera boa. e senão callalloha sua  
bondade** por quão fora he das  
murmurações tão acostumbradas//.(f202r)

A instituição enquanto discurso de corte e o distanciamento deste relativamente ao coloquial é, por meio de uma indicação explícita de antiguidade e dignidade social, assinalável no segundo Prólogo, tal como a consciência relativa a uma eventual alteração de sentidos decorrente da tradução. Em paralelo, valoriza-se o vernáculo pela atribuição de uma qualidade ligada à estética discursiva de corte, a *brevitas*:

como *quer que* esta estorja parecese  
majs *antigua* por quanto nella falla do  
**mujto poderoso rrey que primejro  
foy** (f202v)

*e* polla deferença destas cousas  
pareçe *mujto* mudar os vocavollos  
llatinos tanto sotis *e* dillicados. *em*  
mijnha llingoagem portugues. **majs  
jncllinada a dizer do mujto menos./  
que do pouco majs** (f202v)

Em honra da *brevitas* surgirá ainda uma construção discursiva próxima da preterição, já que é referente ao ornamento habitual em exemplares de discurso amoroso de corte; o processo utilizado é a redundância decorrente do uso da concessiva e da adversativa, acrescentando-se-lhe a utilização do vocábulo “contrafeito” com sentido específico no discurso de “falsificado”:

**como quer que** de grandes ajudas  
as estoreas e o fauorecellas com  
morallidades tem. **mas** a mym não me  
pareçe **que** herro pojs com dizer ha  
verdade de como esta pasou me  
desculpo de todo pollo pouco guosto  
que do **contrafeito** tinha//.(f202v)

Os dois últimos excertos, funcionando como fragmentos metadiscursivos, reiteram a preponderância da linguagem verbal na prática amorosa, de acordo com o que é reconhecido como habitual na retórica de corte; por outro lado, o Locutor constrói uma imagem de si mesmo como apto para o exercício verbal que se propõe apresentar.

Pode-se dizer que esta novela se configura, portanto, como um discurso público de exercício de influência, no qual os Interlocutores serão, por determinação enunciativa, detentores de um papel social distinto, já que são simultaneamente os “produtores” e os “consumidores” preferenciais de um discurso modelar integrante de uma literacia ideal. De facto, a necessidade de pertença à corte surge como *incipit* da novela propriamente dita, aí se incluindo a prática do discurso amoroso:

Hũ omem por se ver desfauoreçido  
da furtuna ueuja tam descontente de  
sý? **que nenhũa natureza auja por**  
**sua.** amtes a sý? mesmo se tjnha por  
contrairo. e buscando **allguũ**  
**contentamento de que tão apartado**  
**ujuja.** a hũa mũj pupullosa çidade  
setuada nũa deradeira parte do rrio jeto  
homde no mar se metia. **veo ter a**  
**serujr hũũ mujto poderoso príncipe**  
cujo naturall era e contino de sua casa  
(f203r)

A solução para o exílio interior (“nenhuma natureza havia por sua”) impeditivo de uma configuração ética coesa é, pois, servir o príncipe, ou seja, a vida de corte, na qual se inclui o serviço amoroso como exercício verbal e estético. Assim, o principal sujeito de enunciação do discurso amoroso – Naceo –, depois de uma utilização do tempo caracterizada como inútil, mostra a disposição de louvar a primeira de entre as “muitas

mulheres fidalgas e de muito merecimento” que se lhe depara, de forma a colmatar “questa imperfezion di trovarsi senza amante” (Castiglione: 1981, 428). No entanto, deverá ainda encontrar um objecto amoroso mais adequado.

despendendo nella [na cidade]  
**mujtos tenpos perdidos.**/ hũũ dia de  
 festa caullgou *com* hũũ seu amjguo. a  
 ver hũũ amtiguu apousentamento *que*  
 estaua fora da çidade. omde abitaua hũa  
 uertuosa dona a *que* era encomendado a  
 guarda de mujtas molheres fidallguas. *e*  
 de grande mereçimento (f203r)

lloguo lhe veo fallar hũa **senhora**  
**de tanto ser que** a menos cousa *que*  
 nella auja era *mujta* fremosura (f203r)

veo outra senhora de menos idade  
*tambem* parenta dambos esta era de  
 tanta ejçellençia *que* soo /f203/ [que  
 soo] os olhos *que* a visem podião  
 çerteficar *que* a llyngoia **nunca terja**  
**ese poder por mujto que** a natureza  
 lhe dese. *por que* era acabada *sem*  
 nenhũa cousa lhe falleçer (f203v)

Para um objecto perfeito por definição (“era acabada sem **nenhuma** cousa lhe falecer”), a linguagem afigura-se portanto insuficiente na sua vertente natural (“que a llyngoia nunca terja ese poder *por mujto que* a natureza lhe dese”), o que implicará um exercício verbal de aperfeiçoamento. O uso do condicional e do conjuntivo imperfeito surge como meio de traduzir uma hipótese longínqua de a perfeição do objecto amado ser suplantada, tanto mais quando reforçada pela concessiva com extensão semântica em gradação máxima (“por mais que”).

Do processo de enamoramento resulta a transformação da configuração ética, para a qual não foi suficiente o “serviço ao príncipe”; de facto, só após a presença do objecto amoroso se completa esta transformação, reputada completa por via do uso da consecutiva:

grande soma delles [males de amor]  
 consyguo ajuntou *e* apousentados *em*  
 seu coração/. **de tall maneira o**  
**afejçoarão. que** a natureza *que*  
**perdida tinha por seu naturall delles**  
 fycou./ (f203v)

O exercício verbal requerido será praticado de forma mais explícita pelos interlocutores principais da novela propriamente dita – Naceo e Amperidónia –, representantes, respectivamente, do discurso amoroso do masculino e do feminino no âmbito de uma teoria e prática verbais de corte. Sustentando a configuração de discurso modelar, o exercício é praticado em todas as situações de enunciação possíveis: a carta, a poesia amorosa, o diálogo presencial e, porventura o mais significativo, a presença da voz e do verbo sem a figura física dos interlocutores. Nas cartas como nos restantes, a configuração ética e verbal do feminino e do masculino torna-se visível sobretudo nos argumentos de amor, diversos em cada um dos casos.

Analisaremos aqui em primeiro lugar alguns excertos das cartas, dada a sua dominância em termos de variedade e de extensão textual.

O discurso epistolar, prototipicamente monologado, assume na obra um carácter eminentemente dialogal, já que quer Naceo quer Amperidónia passam de Locutor a Alocutário alternada e continuamente, funcionando as cartas como turnos de fala relativamente às questões amorosas nelas tratadas.

O primeiro discurso epistolar da obra apresenta como sujeito da enunciação um Locutor individual – EU –, facilmente identificável pelo uso frequente do subsistema dos pronomes<sup>2</sup> pessoais e possessivos e das desinências verbais de primeira pessoa singular: **Faço jsto; callarme; meu mall; fallo em me rresponderdes; quero; me pareça.**

Contudo, este Locutor, que se assume linguisticamente como individual na relação discursiva que manterá com o Alocutário, poderá, numa análise macrotextual, também ser visto como um Locutor não individual representativo do homem de corte empenhado numa prática verbal amorosa característica.

Assim, a imagem de sujeito amoroso é marcada pela espera (*aguora creçe tanto meu mall e uoso esqueçimento. que he rrezão que uos llembre*) e subordinada à medida (*Faço jsto tam tarde com areço de uos parecer cedo; que mujto me pareça consentjrdes que uos sirua.*) e encontra-se delineada logo no início, não obstante a visibilidade das suas razões amorosas. Em paralelo, torna-se visível a construção da imagem de um Alocutário que é sustentada pelo uso do pronome pessoal VÓS e das formas correspondentes do possessivo e das desinências verbais, imagem essa que se institui como adversário discursivo e também enquanto configuração ética perfeitamente delineada, a mulher de corte. É, aliás, esta inserção do Alocutário numa hierarquia

<sup>2</sup> A propósito da bipartição das instâncias de alocação diz Marques (2000: 175): "É uma bipartição fundamental ainda que excessivamente rígida, como qualquer delimitação de fronteiras numa Língua Natural; metodologicamente importantes, mas empiricamente contestáveis. A 'gradação' em substituição da 'dicotomia' parece permitir uma melhor descrição dos dados e também uma melhor explicação do seu funcionamento, na medida em que os pronomes pessoais não são estanques entre si, estruturas fechadas, antes permitem a coordenação com outros dispositivos linguísticos que reforçam ou matizam as três dimensões propostas para a referência pessoal. É evidente que o uso do subsistema pronominal não esgota as possibilidades linguísticas de "nomcar" -tal como diz Plantin - os interlocutores. Antes se quer fazer sobressair o seu valor paradigmático [...] Uma taxonomia dos pronomes que realizam a referência pessoal assenta, basicamente, no subsistema dos pronomes pessoais, mas não se limita a estes. É, pois, necessário incluir todas as formas de pronomes pessoais (não apenas as formas de nominativo) e também os possessivos, os demonstrativos e até os indefinidos."

social e numa ritualização amorosa de corte que permite identificar este Alocutário como individual – Amperidónia.

**Faço jsto tam tarde com areçeo de uos parecer cedo. avendo por mjlor callarme com tanta paixão que daruos allgũa em a dizer/ aguora creçe tanto meu mall e uoso esqueçimento. que he rrezão que uos llembre que não faço ujda pera sofrer hũa ora. quanto majs callarme co<m> ella tantos dias. sem nenhũ agardeçimento uoso. nem fallo em me rrespomderdes. por que nã quero majs do que uos quiserdes. e ajnda que mujto me pareça consentjrdes que uos sirua. majs serya deixallo de fazer quem não tem vontade pera outra cousa//. (203v)**

O carácter ritualizado do discurso verbal antagónico torna-se visível nas frequentes dicotomias, marcantes dos pontos de vista do Locutor e do Alocutário: **tarde/ cedo; calar/ dizer; mal (de amor) / esquecimento; não quero/ quiserdes; vos sirva/ deixallo de fazer**. A sublinhá-lo, a ambiguidade lexical patente no uso do vocábulo “paixão” com uma extensão semântica de amor e de inquietação.

A carta de resposta, que institui agora Amperidónia como Locutor, desempenha uma função globalmente idêntica, traçando a sua imagem enquanto mulher de corte sujeita a hierarquias (**cada hũu naçe com sua condyçaom**) cujo discurso amoroso é marcado pela “defesa” e pela recusa de acção (**ate quj não fiz**) e contendo uma conformação do Alocutário (Naceo) como adversário actuante, perante o qual a própria carta de resposta é uma capitulação (**que nunca foi cousa majs fora de mjnha vontade que jsto que aguora faço; a mjnha não tem força pera lleuar a sua majs adiamte**). De igual modo, esta missiva pauta-se por dicotomias com a função já assinalada: **não fiz/ agora faço; creçer tanto a uosa/ a mjnha não tem força**.

não tendes rrezão de uos agrauar do **que ate quj não fiz. por que nunca foi cousa majs fora de mjnha vontade que jsto que aguora faço. /f204/ mas vejo creçer tanto uosa prefia nã sabemdo se he verdadejra que a mjnha não tem força pera lleuar a sua. majs adiamte e a prjnçipall causa que me esta fez fazer foi pera uos dizer que a**

vosa prima nã dejs comta de nada por  
que ajnda *que* ha asy vejães perante  
vos. cada huũ naçe com sua  
**condyçaom**//.

Nas restantes cartas, e apesar da especificidade enunciativa de cada uma, pode considerar-se que se mantêm quer as estratégias discursivas de “ataque” (Locutor Naceo) e de “defesa” (Locutor Amperidónia), quer o jogo dicotómico de argumentos que traça a imagem do Alocutário face ao Locutor, quer ainda a imagem deste exposta na argumentação respectiva.

Nos raros diálogos presenciais, a construção do discurso apresenta grande semelhança com uma situação de oralidade, marcada inicialmente pela utilização de uma expressão de tipo coloquial e decorrente da clara delimitação de turnos de fala e respectivas intervenções, com movimentos constitutivos sobretudo de enlace retroactivo por meio de usos frequentes de deícticos anafóricos. Nestes diálogos podemos encontrar um “quadro comunicativo” (Kerbrat-Orecchioni: 1990) composto por um quadro espaço-temporal – ambiente de corte quinhentista –, por um objectivo da “conversação” – jogo amoroso de conquista de mercês – e por dois participantes – Naceo e Amperidónia –.

naçeo lhe rrespomdeo darjejs allgũa  
topada tornarousejs a mj<sup>m</sup> que do majs  
tenpo tiuestes pera uos descaregar das  
obrjgações alheas. não sei se o fazejs  
así comjgo/. jaa lleuães camjnho de  
pedir/ **naçeo**/. não deuejs voos jso  
desperar por ser moor a merçe/  
**amperjdonja**/ não he bem prometerem  
as pessoas o *que* não podem fazer/  
**naçeo**/. quem ha jso de querer de  
njnguem./ **amperjdonja**/ voos que  
afegurães as cousas a vosa vomtade e  
eses castellos caem mũj çedo no  
chãom/. **naçeo** não nos faryá njnguem  
se a jso olhase/*que* por tempo todas as  
cousas pareçem. mas primejro se  
aprovejtão dellas os posujdores. *que*  
co<*m*> esta condição ujemos a este  
mundo./ **amperjdonja**/ e no outro/ *que*  
he pera sempre/ não fallamos. /**naçeo**/  
tempo ha huũ pera tudo a paga querja  
llogo/ /f214v/ e a comta depojs./  
**amperjdonja**/ não he ese custume de



greçia./ **naçeo**/ nestes casos sý que são  
 rreservados/ **amperjdonja**/ o quão  
 cansada me temdes. eu cujdarej **niso e**  
 farej *por* voos o que puder/ *e* prjmejro  
 que se detremjne vos tornarej a fallar  
 pera veremos como seraa  
 mjlor.//(f214r e 214v)

Conducente à classificação como diálogo, deve igualmente assinalar-se a emergência de virtudes noéticas já que se centra numa clara unidade temática atinente a comportamentos aceitáveis ou inaceitáveis do relacionamento amoroso (**quem ha jso de querer de njnguem** [pergunta Naceo]) -, denotando por isso e concomitantemente uma intenção teleológica e retroactiva a que não é alheia a dimensão de combate verbal claramente presente. Consideramos, pois, com Marques (2000:118), que “É importante lembrar que [...] a estrutura dialogal do discurso, é a “encenação comunicativa”, no que ela tem de construção do sentido. Para além disso, há que ter em conta os níveis possíveis de interacção verbal entre os dois interlocutores, o que implica uma relação Locutor/ Alocutário bidireccional e caracterizada pela reciprocidade.

Assim, da análise do fragmento dialogal ressalta em primeiro lugar a abundância de deícticos de articulação entre os diversos turnos de fala, pressupondo a análise do já dito como constitutiva da réplica. Inferências e pressuposições são aliás parte fundamental da argumentação, referindo-se quer a uma concepção global de mundo partilhada pelos dois locutores, quer a argumentos implícitos naqueles que são explicitados.

Na primeira fala de Amperidónia, “**não sei se o fazejs asi comjgo**/. [tomar-vos a mim, prestar-me atenção] **jaa lleuães camjnho de pedir**, surge como inferência o argumento de que pedir/exigir não é consentâneo com prestar atenção ao outro. Na resposta subsequente de Naceo, “**não deuejs voos jso desperar** [não deveis demorar a prestar-me atenção] **por ser moor a merçe** [para ser mais valioso o que me concedeis] tem como pressuposição a ideia de que quanto mais demorada, maior é a mercê. Na afirmação de Amperidónia “**não he bem prometerem as pessoas o que não podem fazer**”, a generalização operada pela colectivização indefinida de um agente, as pessoas, introduz como inferência a afirmação de que há regras para os comportamentos amorosos, bem assim como a de que as leis de amor são semelhantes às leis gerais, esta última decorrendo da indefinição do assunto a que se refere. Na réplica de Naceo, “**quem ha jso** [que prometa o que não pode fazer] **de querer de njnguem**” é visível a pressuposição de que não é justo exigir a ninguém que desobedeça a leis gerais.

Mais adiante, ao ser acusado por Amperidónia de fazer “**castellos [que] caem mñj çedo no chãom**”, Naceo afirma que “**não nos** [os castelos, o querer submeter as coisas à sua vontade] **farýa njnguem se a jso olhase** [ao facto de o que se deseja ser muitas vezes impossível]”; mais uma vez, por via do recurso à indefinição de um colectivo, surge a inferência de que conformar-se com as leis gerais conduz à inércia. Ainda nessa réplica, da afirmação de “**que por tempo todas as cousas pareçem** [impossíveis,

castelos no ar]” ressalta uma outra inferência, a de que as aparências não são a realidade, concluindo com o aforismo que coloca “este mundo” no domínio da realidade: **“mas primejro se aproveitão dellas os posujdores. que co<m> esta condição ujemos a este mundo”**.

A pergunta de Amperidónia **“e no outro/ que he pera sempre/ não fallamos.”** apresenta como base a pressuposição de que existem dois mundos com temporalidades e leis diferentes, surgindo na resposta de Naceo, **“tempo ha hũũ pera tudo a paga querja lloga/ e a comta depojs”**, as inferências de que neste mundo se situam as recompensas e no outro pagaremos o que recebemos neste. Da interrogação sobre se esse era o “costume de Grécia” infere-se ainda que Naceo e/ou os seus costumes são estrangeiros, diversos dos de Amperidónia, afirmando este que “nestes casos <os de amor>” se aplica tal lei, inferindo-se portanto que aos casos de amor não se aplica a lei geral.

Na fala final de Amperidónia, como remate de um diálogo com características como as que lhe foram apontadas, cumpre ainda notar a inconclusão da disputa verbal que se institui igualmente como marca final de um verdadeiro espécime de diálogo: **“e prjmejro que se detremjne vos tornarej a fallar pera veremos como seraa mjlor”**.

O estudo desta obra encontra-se estreitamente vinculado a um contexto peninsular e europeu, pelo que é indeclinável que a construção de sentidos possa ser abordada à luz de uma tradição que remonta, por um lado, à casuística amorosa ovidiana e, por outro, a um teoria amorosa de corte marcada por traços lexicais e retóricos diversos dos habituais noutros géneros textuais. O léxico será igualmente marcado por este contexto como pode ver-se no Glossário que, por economia de tempo e espaço, não pormenorizámos. A análise realizada permite demonstrar a pertinência da conjugação das duas áreas referidas, certificando desse modo que a compreensão da obra requer um estudo da sua configuração linguística, em termos lexicais e semântico-pragmáticos numa perspectiva histórica e periodológica, mormente dos elementos que sustentam o discurso amoroso e epistolar das personagens principais da novela. Torna-se assim de alguma clareza o facto de uma outra leitura impossibilitar o estudo da obra, já que esta se configuraria nesse caso como um texto desvinculado de uma arquitectura significativa e simbólica passível de o justificar enquanto construção linguística e literária.

## Referências

- Castiglione, Baldesar – *Il libro del cortigiano*, Bruno Maier (ed.). Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1981.
- Diogo, Américo Lindeza – “Nótulas sobre *Naceo e Amperidónia*”. In Álvares, M. C. & Diogo, A. A. L. – *Gravitações*. Braga: Angelus Novus, 1994.
- Kerbrat-Orecchioni, C. - *Les interactions verbales*. Tome I. Paris: A. Colin, 1990
- Lago, M<sup>a</sup> Paula – *Naceo e Amperidónia. Estatuto da Novela Sentimental do Século XVI*. Braga- Coimbra: Angelus Novus, 1997.

- Lago, M<sup>a</sup> Paula e Lemos, Aida Sampaio – “Discurso literário e edição de texto: *Naceo e Amperidónia*”. In *Actas do XVII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, 2002, pp.241-246.
- Lago, M<sup>a</sup> Paula e Lemos, Aida Sampaio (edição, fixação do texto, notas e glossário por) – *Naceo e Amperidónia. Novela Sentimental Epistolar* (a aguardar publicação).
- Marques, Maria Aldina - *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar. A organização enunciativa no Debate da Interpeção ao Governo*. Braga: CEHUM, Universidade do Minho, 2000.
- Quint, Anne- Marie – “Un étrange roman épistolaires: *Naceo e Amperidónia*”. In *Le Conte et la Lettre dans l'espace lusophone*. Paris: Sorbonne, 2001, pp.63- 73.